

Eu Matei (ou não) Minha Mãe: A Autoficção de Xavier Dolan

I May Have (or may have not) Killed My Mother: The Self-Fiction of Xavier Dolan

Verônica Maria Valadares de Paiva¹

Universidade de Brasília

Resumo: Com o lançamento de seu primeiro longa, *J'ai tué ma mère*, em 2009, Xavier Dolan pegou a todos desprevenidos tanto por sua pouca idade como pela forma crua com que o tema da relação entre mãe e filho foi abordado. Em comentários posteriores sobre o filme, comprovou-se o suspeitado caráter autobiográfico da trama, no que se criou certa ambiguidade entre a persona do criador da obra e o personagem principal. À luz dos estudos de Leonor Arfuch (2010) sobre o espaço biográfico na pós-modernidade, que defende a biografia como um gênero de essencial importância ao sujeito contemporâneo, que está constantemente se autorreferenciando, e apoiando-se no conceito literário de autoficção cunhado por Serge Doubrovsky (1977), o presente artigo explora como foi construída a intersecção entre o real e o fictício no filme de Dolan, interpretando-o como uma autoficção cinematográfica e também analisando como obras caracterizada por dramas individuais ressoam com o público.

Palavras-chave: Autoficção; Cinema; Cinema e Literatura; Xavier Dolan.

Abstract: With the release of his first feature, *J'ai tué ma mère* (2009), Xavier Dolan catches everyone off guard both by his youth and the raw approach of mother-son relationship. In later comments on the film, the autobiographical character of the plot is proved, in which is created a certain ambiguity between the persona of the creator and the main character. In light of the studies of Leonor Arfuch (2010) about the biographical space in Postmodernism, defending the biography as a genre of essential importance to the contemporary individual, who is constantly making self-references, and supported by the concept of self-fiction, coined by Serge Doubrovsky (1977), this article explores how the intersection between the real and the fictional is built in the film of Dolan, interpreting it as a cinematic self-fiction, and also analyzing how works based on personal dramas resonate with the public.

Key-words: Cinema; Cinema and Literature; Self-fiction; Xavier Dolan

Submetido em 22 de setembro de 2016.

Aprovado em 27 de dezembro de 2016.

Introdução

O Cinema já surgiu com um dilema entre documentar a realidade ou criar narrativas lúdicas. Enquanto os irmãos Lumière filmavam um trem chegando a uma

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB (PósLit/UnB) na área Literatura e Outras Artes. Bacharel em Letras - Português pela Universidade de Brasília (2014). Faz parte do grupo de pesquisa Victor Hugo e o Século XIX, sob coordenação da prof^a dr^a Junia Barreto. E-mail: veronica.valadares@gmail.com

estação, Georges Méliès viajava para a lua². Apesar da vasta gama de gêneros fílmicos, o imaginativo venceu e enraizou-se na cabeça do público a noção ficcional das obras cinematográficas.

Há obras que, todavia, se encontram em um limiar entre ficção e realidade, sendo os documentários, cada vez mais estilizados e buscando de diversos recursos narrativos, exemplos desse hibridismo. No entanto, *J'ai tué ma mère* (2009), o primeiro longa do diretor québécois Xavier Dolan, não é um documentário.

Eu Matei Minha Mãe, como foi traduzido no Brasil, chamou a atenção após ser triplamente premiado no Festival de Cannes de 2009³, colocando em foco Xavier Dolan, com vinte anos na época, que logo ganhou as alcunhas de “wunderkind” e “enfant terrible”⁴. Dolan consolidara uma carreira como ator mirim, mas *J'ai tué ma mère* foi sua estreia como produtor, diretor e roteirista, além de ser protagonizado por ele próprio.

Filmes em que uma mesma pessoa arca com o orçamento, dirige, assina o roteiro e até atua não são uma realidade tão distante do chamado cinema independente, mas essa relação torna-se particularmente intrigante quando pensamos no caráter autobiográfico da obra supracitada.

O quão tênue é a linha entre o real e o imaginário em uma obra autobiográfica, ou, para se apropriar de um gênero literário, de autoficção? Como essa mescla ressoa com o público? E como o tom mais intimista da obra, próprio da autoficção, reflete o caráter psicológico da narrativa?

1. “A boy’s best friend is his mother”

J'ai tué ma mère é construído como um recorte da vida de Hubert Minel, um garoto de dezesseis anos em constante desentendimento com a mãe, Chantale, que ele afirma ter tido um filho apenas porque era o que a sociedade esperava dela depois de casada. A tensão entre eles surge desde banalidades, como a escolha de um objeto de decoração, até as tentativas de Hubert de falar com a mãe sobre sua homossexualidade.

² *L'Arrivée d'un train en gare de la Ciotat*. França, 1895. Auguste e Louis Lumière. 1 min, P&B. e *Le Voyage dans la Lune*. França, 1902. Georges Méliès. 14 min, P&B.

³ O longa recebeu, em Cannes, o Prix CICAÉ, o Prix SACD e o Prix Regards Jeune.

⁴ “Wunderkind” é um termo alemão, também usado em língua inglesa, traduzido como “criança prodígio”; já a expressão “enfant terrible”, no âmbito artístico, é usada para designar jovens criadores com ideias irreverentes.

Xavier Dolan escreveu o roteiro de *J'ai tué ma mère* quando tinha dezessete anos, mas só foi produzi-lo dois anos depois, e diz que o filme “é em parte autobiográfico, com relação a uma passagem de minha adolescência em que vivi uma relação tempestuosa com minha mãe. Posto isto, precisei acrescentar elementos de romance e ficção, criar nuances para desenvolver a história”⁵.

No Cinema, assim como na Literatura, há um grande número de obras classificadas como “semibiográficas”, e quando não o são, muitas das análises feitas buscam relacionar a vida do autor com a obra produzida. *J'ai tué ma mère* configura um caso diverso, pois não é necessário especular a relação entre a vida do diretor e roteirista com o que é mostrado, o próprio informa esse vínculo. Soma-se isso ao fato do longa ter sido dirigido, escrito, produzido e atuado por Dolan e o que se encontra é uma simbiose em que fica difícil definir o que é real, representação de fatos vividos, e o que é ficção, as “nuances [criadas] para desenvolver a história”.

Para investigar o resultado desse amálgama, será usado o conceito literário de “autoficção”, porém antes, é necessário abordar a relevância do gênero biográfico.

Leonor Arfuch traça a origem da autobiografia nas *Confissões* de Rousseau, com um eco nas *Confissões* de Santo Agostinho, porém substituindo o fim teológico pelo individualismo ascendente na Idade Moderna.

Dessa forma,

a aparição de um “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo e do mundo burguês. Efetivamente, é no século XVIII – e, segundo certo consenso, a partir das *Confissões* de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos. (ARFUCH, 2010, p. 35 e 36)

Dentre essas especificidades, nota-se a mudança de foco em quem é o protagonista das autobiografias, bem como nas histórias contadas, “não mais fabulações em torno de personagens míticos ou imaginários, mas a representação de si mesmos nos costumes cotidianos e o desenho de uma moralidade menos ligada ao teológico” (ibidem, p. 45). Nas autobiografias, o que se encontra é “um ‘relato de vida’ centrado na história da personalidade” (LEJEUNE apud COELHO PACE, p. 46)

⁵ No original: “C'est en partie autobiographique, en relation avec un passage de mon adolescence où je vivais une relation houleuse avec ma mère. Ceci étant dit, il m'a fallu ajouter des éléments de romance et de fiction, apporter des nuances, pour faire évoluer le récit.” (tradução nossa). Em <<http://www.lapresse.ca/le-soleil/dossiers/festival-de-cannes/200905/14/01-856681-xavier-dolan-jai-toujours-vu-cannes-dans-ma-soupe.php>> Acesso em 4 de junho de 2016.

Essa mudança de representação é notada de modo preciso em *J'ai tué ma mère* e a situação até chega a ser ironizada pelo protagonista, que comenta sobre as amigas da mãe perguntarem se ele era “especial” para receber tantos mimos na infância, o que ele rebate dizendo que não. Hubert é tão comum quanto qualquer outro garoto de dezesseis anos e é precisamente essa não particularidade que justifica sua narrativa aos olhos curiosos do indivíduo moderno, ou indo além, pós-moderno, que viva uma “valorização dos ‘microrrelatos’” (ARFUCH, 2010, p. 17)

No entanto, em *O Pacto Autobiográfico*, Phillipe Lejeune marca uma característica das autobiografias que não se aplicaria a *J'ai tué ma mère*: o narrador e o autor devem ser idênticos (LEJEUNE, 1974, p. 14). Poder-se-ia até especular, mas, não fossem afirmações posteriores feitas por Dolan, nada no filme indica, diegeticamente, tratar-se de fatos de sua própria vida.

Para Lejeune, o acesso à autobiografia compreende um acordo, o pacto autobiográfico do título, entre o autor e o público, que não deve perceber diferença entre a voz do autor e do narrador, eliminando a possibilidade de ser um relato ficcional.

O pacto está quebrado porque o leitor não pode confiar que o autor está sendo sincero. Independentemente das similaridades entre a vida do autor e o assunto da história, a obra não é autobiográfica a menos que ele [o autor] queira que o leitor aborde o texto como uma releitura de sua vida⁶. (McDONOUGH, 2011, p. 79)

Extrapolando o limite do relato autobiográfico clássico, o gênero em que possivelmente caberia um melhor estudo de *J'ai tué ma mère* seria a da autoficção. O termo “autoficção” foi cunhado por Serge Doubrovsky para descrever seu romance *Fils*. Segundo consta a definição em seu livro:

Autobiografia? Não, esse é um privilégio reservado às pessoas importantes desse mundo, ao final de suas vidas, em um estilo refinado. Ficção, de eventos e fatos estritamente reais; autoficção, se preferir, de confiar a linguagem de uma aventura à aventura de uma linguagem, além da sabedoria e da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Interações, teias de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrever antes ou depois da literatura, concreta, como dizemos, música.⁷ (DOUBROVSKY, 1977, p. 10)

⁶ No original: “The pact is broken because the reader cannot trust that the author is sincere. Regardless of the similarities between the author’s life and his subject matter, the work is not an autobiography unless he means for the reader to approach the text as a retelling of his life.” (tradução nossa)

⁷ No original: “Autobiographie? Non, c’est une privilège réservé aux importants de ce monde, au soir de leur vie, et dans un beau style. Fiction, d’évènements et de faits strictement réel; si l’on veut autofiction, d’avoir confié le langage d’une aventure à l’aventure d’un langage en liberté, hors sagesse et hors syntaxe du roman, traditionnel ou nouveau. Rencontres, fils de mots, allitérations, assonances, dissonances, écriture d’avant ou d’après littérature, concrète, comme on dit musique.” (tradução nossa)

Ainda que de forma bastante literária, na justificativa de Doubrovsky encontra-se a definição prática do que seria autoficção – “ficção, de eventos e fatos” – e alude às formas inovadoras e inventivas com que ela se dá, em contraste com a autobiografia clássica.

No entanto, ainda se encontra a questão da divisão entre autor, narrador e personagem, e Doubrovsky, assim como Lejeune, prevê a onomástica entre eles e, mais uma vez, *J'ai tué ma mère* parece ficar de fora. Existe ainda, porém, uma terceira definição, proveniente da proposta de tipologia de Vincent Colonna (2004), que divide a autoficção, que ele chama de “autofabulação”, em quatro tipos:

1. Autofabulação fantástica (*autofabulation fantastique*)
2. Autofabulação biográfica (*autofabulation biographique*)
3. Autofabulação especulativa (*autofabulation spéculaire*)
4. Autofabulação intrusiva (*autofabulation intrusive*)

Dos quatro tipos, é à autofabulação fantástica que *J'ai tué ma mère* responderia. Uma narrativa em que “o autor é o centro do texto (como em uma autobiografia), mas ele transfigura sua existência e identidade em uma história não real, independentemente de restrição de verossimilhança”. Na autofabulação (autoficção) fantástica, o autor se configura como protagonista da história, maleabilizando a trama, o tempo e o espaço a seu bel-prazer.

2. Entre o biográfico e o ficcional

Não se perde de vista o fato de que o gênero autoficção é aqui cedido pela Literatura para ser aplicado na análise narrativa de uma obra fílmica. Sendo a autoficção um gênero entre autobiografia e ficção, há uma relação intrínseca entre autor, narrador e protagonista, numa história em que essa tríade narrativa divide a mesma identidade.

No filme *J'ai tué ma mère*, cabe ser aplicada a definição clássica de *protagonista*. O protagonista é o personagem principal, sob quem recai o foco da história; aqui no caso, Hubert. Como já explicado, é reconhecida a não coincidência de nomes, Hubert Minel e Xavier Dolan não seriam o mesmo nome nem como anagrama, mas leva-se em conta o argumento de Dolan na escolha de si próprio como

protagonista: *J'ai tué ma mère* é a história de sua adolescência, logo, ele seria a pessoa mais indicada para ser o protagonista⁸; Hubert pode ser visto como uma de *dramatis personae* de Dolan.

Já a divisão entre *autor* e *narrador* encontra-se em uma forma mais difusa, problemática também discutida no âmbito da Narratologia⁹. Tradicionalmente, há uma divisão entre autor e narrador, por mais que a tentação de justificar uma obra pela vida de seu autor seja grande, mas a autoficção prevê justamente essa equivalência identitária entre eles.

Transpondo para o contexto fílmico, por mais que a ideia imediata de autor seja a de alguém escrevendo, o que levaria ao roteirista, o diretor pode ser visto como o autor, porque

embora o roteirista prepare o roteiro, fases posteriores de produção podem modificá-lo até o ponto de torna-lo irreconhecível, e, ainda que o produtor monitore todo o processo, ele raramente controla cada momento da atividade no set. É o diretor quem toma as decisões cruciais relacionadas a performance, encenação, iluminação, enquadramento, cortes e som. Em regra, é o diretor quem normalmente tem o maior controle sobre a aparência e os sons de um filme, o que não significa que ele seja especialista em cada função ou dite todos os detalhes. (BORDWELL; THOMPSON, 2013, p. 76, *grifo dos autores*)

Entretanto, essa divisão de trabalho não configura um problema para a análise de *J'ai tué ma mère*, uma vez que Dolan também assina o roteiro, afirmando tê-lo feito com o intuito de exercer o maior controle possível sobre o filme¹⁰.

Resta, então, a questão do narrador. Quem seria o narrador de *J'ai tué ma mère*? Na autoficção, prevê-se o uso de um *narrador autodiegético*, aquele que “relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história” (REIS; LOPES, 2000, p. 118), no entanto, essa é uma perspectiva um tanto quanto complicada de se adotar no Cinema, a começar pelo uso da 1ª pessoa.

Se considerarmos a câmera como o narrador do filme, aquela que revela e omite e guia o espectador pela história, uma narração em 1ª pessoa, estritamente, usaria a câmera subjetiva, seguindo o protagonista por onde quer que ele fosse, fazendo o

⁸ Disponível em: “Director Xavier Dolan chats MOMMY AMCi” https://www.youtube.com/watch?v=M5JE7_4nLSk (16’27”). Acesso em: 7 jun. 2016.

⁹ Termo criado por Tzvetan Todorov para definir o campo da Teoria Literária responsável pelo estudo das estruturas e elementos de uma narrativa.

¹⁰ Ver nota 7.

espectador ver o que ele visse, da forma que ele visse. Dolan não faz uso dessa técnica específica para delimitar seu narrador, mas serve-se de outras formas para tal.

O filme abre com uma cena em preto e branco, um plano detalhe mostrando o olho de Hubert; o foco se abre para mostrar todo o rosto do personagem.



1a



1b

Figura 1 – Plano detalhe e abertura de foco
 Fonte: captura de tela do serviço de *streaming* Netflix

Em *A imagem-movimento* (1983), Deleuze diz que “pode-se fazer dois tipos de perguntas a um rosto: em que você pensa? Ou então: o que há com você, o que você tem, o que você sente ou ressent?” (p. 116). Hubert está fazendo uma espécie de depoimento, direto para a câmera, sobre seu relacionamento com a mãe – “je l'aime, je peux la regarder, lui dire allô, être à coté d'elle, mais... je peux pas être son fils¹¹”. A cena não é muito diferente – ainda que um tanto mais estilizada – da forma usada em *vlogs*¹², que então começavam a surgir nos anos 2000. Essa cena de abertura, com

¹¹ “Eu a amo, eu posso olhar para ela, falar com ela, ficar ao lado dela, mas.. eu não posso ser seu filho”. (tradução nossa)

¹² A palavra *vlog* deriva de *blog*, mas, enquanto os *blogs* surgiram como diários virtuais na forma de texto, os *vlogs* transmitia o mesmo conteúdo em vídeo. Atualmente, o conteúdo tanto dos *blogs*, quanto dos *vlogs* está mais diversificado, indo além de histórias da vida pessoal de seus criadores (ex.: blogueiros e vlogueiros de moda, viagem, culinária, literatura, etc.)

caráter de depoimento, que, segundo Arfunch (2010), é um estilo bastante utilizado no espaço biográfico, dá o tom da narração autorreferencial.

No decorrer do filme, nota-se que, mesmo sem o uso da câmera subjetiva, o espectador está a todo o tempo acompanhando o desenrolar da história sob o ponto de vista de Hubert. Alguns momentos de emoção intensa, após discussões com a mãe, são sucedidos por cenas que, à primeira vista, são a continuação do conflito — por exemplo, Hubert quebrando a louça na cozinha —, para então percebermos se tratar de uma reação forjada apenas na cabeça de Hubert, como válvula de escape. Tal recurso não ocorre com nenhum outro personagem do filme, reforçando a ideia de que o espectador está diante de uma narrativa filtrada pelo ponto de vista do protagonista.

O título do filme corrobora essa hipótese ao deixar a 1ª pessoa explícita e bem marcada – *Eu Matei Minha Mãe* –; muito mais matricídio emocional que confissão dostoiévskiana, porém que indica sob qual filtro de subjetividade a história está sendo narrada.

Dessa forma, está composta a tríada narrativa da autoficção: autor, narrador e protagonista dividindo a mesma identidade em uma história que mescla real e fabulaico. Contudo, essa não é a única característica da autoficção presente em *J'ai tué ma mère*.

3. As inter-realidades de Xavier Dolan

São características nos filmes de Xavier Dolan as tomadas em que o protagonista aparece de costas, criando uma barreira entre personagem e público, que, mesmo estando na posição privilegiada de espectador, não consegue acessar quem são esses personagens inteiramente.



Figura 2 – Protagonista de costas

Fonte: captura de tela do serviço de *streaming* Netflix

Entretanto, os monólogos em vídeo gravados por Hubert, nos quais ele comenta sobre seu relacionamento com a mãe, exploram justamente o contrário: esse é o momento em que o personagem aparece mais exposto e vulnerável. Pode-se argumentar que esses vídeos são o coração de *J'ai tué ma mère*, o fio condutor emocional da história.

Nessas cenas, Dolan faz um jogo com a quarta parede. O personagem de Hubert parece reconhecer que sua fala está dirigida ao espectador e o espectador reconhece que lhe está sendo falado diretamente, quebrando o invólucro que separa a ficção do filme da realidade de quem o assiste. Mais adiante no longa, Chantale, a mãe, encontra as gravações do filho — precisamente as gravações nas quais ele foi mais sincero do que jamais seria falando com ela pessoalmente — e aquela porção de texto que se derramou para a realidade do espectador retorna para seu ambiente ficcional. Na autoficção, o pacto entre criador e receptor da obra é enfraquecido (McDONOUGH, 2011).

Desde o nascimento do gênero biográfico no século XVIII, esse é o tipo de vislumbre da vida privada que é tão caro ao desenvolvimento de narrativas de drama pessoal, o que Arfuch reconheceu como “um salto na flexibilização dos costumes, que comprometia [...] as relações entre as pessoas, [...] empurrando os limites de visibilidade do dizível e do mostrável.” (ARFUCH, 2010, p. 18)

Ligado a isso está o interesse pela leitura de diários e cartas, costume também difundido a partir do século XVIII.

Cartas entre amigos, para serem publicadas nos periódicos, cartas de leitores, cartas literárias; o caráter dialogal adquire um peso determinante, na medida em que toda auto-observação parece requerer uma conexão “em parte curiosa, em parte empática, com as comoções anímicas do outro Eu. O diário se torna uma carta destinada ao remetente; a narração em primeira pessoa, um monólogo destinado ao receptor alheio. (ARFUCH, 2010, p. 45)

No contexto contemporâneo de *J'ai tué ma mère*, a leitura de cartas é substituída pela troca de mensagens de celular, às quais o espectador tem acesso por meio do texto sendo mostrado diretamente na tela, ao contrário do tradicional enquadramento da mensagem de forma que o espectador pudesse lê-la. Os diários aparecem em seu aspecto mais modernizado: os já citados vídeos de Hubert, gravados na forma de *vlogs*.

Dessa maneira, o que Arfuch fala sobre a recepção da autobiografia no século XVIII continua válido para a autobiografia e outros gêneros biográficos – incluindo a autoficção –, na contemporaneidade:

o que se estava produzindo nesse tipo de escrita, que capitalizava tanto a prática do diário íntimo como a forma epistolar, era uma mudança substancial nas relações entre autor, obra e público, que adquiriam assim um caráter de “inter-relações íntimas” entre pessoas interessadas no conhecimento do “humano” e, conseqüentemente, no autoconhecimento. (ARFUCH, 2010, p. 46 e 47)

Na composição de uma autoficção, existe ainda a importância do caráter estilístico; esse é um gênero que preza pela inovação, “confiar a linguagem de uma aventura à aventura de uma linguagem (DOUBROVSKY, 1977)”¹³. Já se fala na crítica cinematográfica de um estilo “dolanesco” para descrever as cores vibrantes em seus filmes, os enquadramentos descentralizados, a trilha sonora, que vai da música erudita ao pop repentinamente, o uso de *slow-motion* e das já citadas seqüências oníricas para descrever o estado emocional dos personagens.

Conclusão

Com *J'ai tué ma mère*, Xavier Dolan criou uma obra que trabalha com intersecções entre realidade e ficção. O hibridismo começa no momento em que ele afirma se tratar de um filme semiautobiográfico, o que lhe rendeu certo estereótipo de jovem problemático e narcisista por parte da crítica especializada, que o vê como a versão de dezessete anos representada em seu primeiro longa.

Tomando emprestado da Literatura o termo “autoficção”, pode-se definir o tipo de narrativa criada por Dolan. A autoficção é uma vertente da autobiografia, que, ao contrário desta última, não se limita a narrar o estritamente real, lançando mão de recursos narrativos e estilísticos para recontar os fatos. Tais fatos passam, primeiramente, pelo filtro subjetivo do Eu; a autoficção é uma narrativa em que o autor, o narrador e o protagonista compartilha da mesma identidade.

Em *J'ai tué ma mère*, encontramos um filme dirigido e com roteiro assinado pela mesma pessoa, além de também protagonizado por ela. Guardadas as devidas proporções das diferenças entre Literatura e Cinema, o que se vê é:

1. Um mesmo autor – o diretor e roteirista do filme
2. Mesmo narrador – criado a partir do título em 1ª pessoa e de recursos cinematográficos, como por exemplo, o uso da câmera e seqüências que demonstram o estado emocional do personagem

¹³ Ver nota 6.

3. E que também é o protagonista – mesmo reconhecendo que autor e protagonista não possuem o mesmo nome, no caso de *J'ai tué ma mère*, o protagonista do filme é como se fosse a versão mais jovem, e não menos real, de quem seu autor era quando adolescente

Ao contrário dos esquemas épicos característicos das epopeias clássicas, autobiografias – e a autoficção, por consequência –, exploram dramas pessoais, recortes no dia a dia de pessoas comuns e de fácil identificação com o público. É esse tipo de exposição da vida privada que tanto agradou o sujeito moderno e, hoje, agrada o sujeito pós-moderno.

Dramas pessoais e individuais ressoam particularmente com o público contemporâneo, que consegue estabelecer uma conexão com suas próprias vidas, ou de conhecidos, nesses vislumbres da vida de outrem. Essas são obras que possuem barreiras frágeis entre o fictício e o real, mais fácil se identificar com o adolescente suburbano que com o herói grego, e quando se constata o caráter biográfico de uma obra como *J'ai tué ma mère*, é como uma vitória sutil para o espectador, que sorri de lado dizendo “eu sabia!”, porque já viu isso antes.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução: Paloma Vidal. Ed. UERJ: Rio de Janeiro, 2010.

BOCCA, Jean Pierre. *O estilo cinematográfico de Xavier Dolan*. 2013, 89 p. Monografia — Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. *A arte do cinema: Uma introdução*. Editora Unicamp/Edusp: São Paulo, 2013.

COLONNA, Vincent. *Autofiction & autres mythomanies littéraires*. Paris: Éditions Tristram, 2004.

COELHO PACE, Ana Amelia Barros. *Lendo e escrevendo sobre o pacto autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2013, 172 p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-movimento*. Tradução: Stella Senra. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

DOLAN, Xavier. *Director Xavier Dolan Chats MOMMY*. AMC Independent. 2015. Entrevista concedida a Amirose Eisenbach. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M5JE7_4nLSk. Acesso em: 5 jun. 2016.

_____. *Indiwire @ The Festival | TIFF Film Industry 2014*. TIFF. 2014. Entrevista concedida a Peter Knegt. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gglqRLbEeA4>. Acesso em: 5 jun. 2016.

_____. *Xavier Dolan: "J'ai toujours vu Cannes dans ma soupe"*. Le Soleil, 15 de maio de 2009. Entrevista concedida a Normand Provencher. Disponível em: <http://www.lapresse.ca/le-soleil/dossiers/festival-de-cannes/200905/14/01-856681-xavier-dolan-jai-toujours-vu-cannes-dans-ma-soupe.php>. Acesso em: 7 jun. 2016.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Veja, s.d.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

McDONOUGH. *How to Read Autofiction*. 2011, 96 p. Monografia — Department of Arts in English and French Studies, Wesleyan University, Middletown, Connecticut.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria narrativa*. São Paulo: Ática, 2000.

J'ai tué ma mère. Direção: Xavier Dolan. Produção: Xavier Dolan, Carole Mondello, Daniel Morin. Mifilifilms, 2009. 96 min, cor.